

Guerras ... sempre guerras!

Pedro Luís de Araújo Braga^a

Resumo: Ao longo da história, a arte da guerra evoluiu com base na cultura e na tecnologia disponível. O mundo contemporâneo vivencia, na atualidade, a emergência de uma nova forma de enfrentamento: o conflito assimétrico. O presente artigo estuda essa nova faceta da guerra, na qual Estados com seus poderosos e bem estruturados exércitos frequentemente têm enfrentado organizações irregulares que praticam a guerra de guerrilha. Adicionalmente, o estudo aborda o impacto da tecnologia na evolução da arte da guerra contemporânea.

Palavras-chave: Arte da guerra, tecnologia, guerra assimétrica.

Guerras... Sempre guerras! Mas por que título nada alegre, quicá ameaçador? Porque a história do mundo, gostemos ou não, é uma história de guerras! Guerras de reinos contra reinos, de nações ou blocos de nações contra organizações do mesmo tipo. O homem é um ser em permanente conflito, uma guerra ambulante. Ele está em contenda com o próximo, com o seu Deus,

consigo mesmo. Ao longo dos tempos, registram-se inúmeras guerras: localizadas ou regionais; duas Guerras Mundiais; conflitos de baixa, média ou alta intensidade, de curta, média ou longa duração; guerras de conquista; guerras por tronos; guerras pela posse de mananciais; guerras religiosas; guerras ideológicas ... Guerras e mais guerras!

^a General de Exército. Antigo presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



Levantamento realizado entre o século XVIII e o terceiro quartel do século XX mostrou que, em 230 anos, houve 366 guerras, o que, estatisticamente, significa 1,5 guerras por ano. Mas a guerra, como é conhecida pela maioria dos não combatentes – uma batalha campal entre homens e materiais – ou como um evento decisivo, derradeiro, numa disputa internacional, já não existe. Na verdade, com frequência, os exércitos se prepararam não para a última guerra, mas para a guerra errada.

Conhecido chefe militar britânico, com larga experiência de combate, o General Sir Rupert Smith, assim se manifestou:

Fenômeno incontornável da História, a guerra é uma atividade plena de paradoxos. Criadora e destruidora de grandes civilizações, promotora de encontros e choques entre culturas e religiões, viveiro de líderes e fonte inegável de progresso científico; origem dos piores e dos melhores momentos da humanidade. Por tudo isso e pelos ensinamentos e perspectivas que pode proporcionar, a história das

guerras constitui um importante tema de estudo e reflexão. Importa conhecer a Arte da Guerra.

Desde o século passado, a humanidade vive a Era do Conhecimento. A vontade das nações, instituições ou indivíduos é imposta a outras nações, instituições ou indivíduos pelo conhecimento. Conhecimento é Poder!, como já dizia Sir Francis Bacon, Chanceler da Inglaterra no reinado de James I (século XVI e início do século XVII). O conhecimento é o passaporte para a soberania.

E, no ciclo evolutivo da sociedade, a contar de 1945, entramos no período tecnológico. Aliás, o surgimento da arma nuclear naquele ano tornou a chamada guerra industrial praticamente impossível como evento decisivo. Por outro lado, o que era considerado inexecutável no final da 2ª Guerra Mundial é factível agora. E, observem, essa revolução não está acontecendo em instalações secretas no deserto, mas, sim, diante de nós.



O CONFLITO ASSIMÉTRICO

O mundo está enfrentando hoje um novo tipo de guerra: o chamado Conflito Assimétrico. Segundo esta nova concepção, todo Estado, por mais poderoso que seja, está sujeito e vulnerável a atos terroristas, praticados por entidades não estatais, até com caráter global, as quais, por sua forma de ação, são difíceis de serem previstas, identificadas e localizadas. Uma dessas organizações, por exemplo, a Al-Qaeda, é considerada como operando em mais de 50 países. Vale lembrar o atentado por ela praticado em 11 de setembro de 2001, contra o World Trade Center, de Nova Iorque, as Torres Gêmeas, e que decretou a falência do exército industrial.

Tais organizações terroristas não se subordinam às leis internacionais sobre a guerra, possuem armas químicas e biológicas, além de outros equipamentos de alta tecnologia ao alcance, apenas, de poucos países. Há ainda, não raro, um componente religioso, o que torna suas ações mais cruéis e aviltantes. Quem as fi-

nancia? De onde procedem os recursos para o seu armamento e equipamento? E, paradoxalmente, no interesse comum, têm forçado a união de países outrora antagônicos.

Uma outra peculiaridade, assaz importante, da guerra de hoje: o combatente já não está isolado no campo de batalha. Suas ações, atitudes, como procede, enfim, estão sendo monitoradas a milhares de milhares de quilômetros de distância. Lembram-se da operação de uma equipe Seal – Forças Especiais da Marinha dos EUA –, para capturar Osama Bin Laden, o líder da Al-Qaeda, em um sítio no Paquistão, onde uma atividade de inteligência o localizara? O Presidente Barak Obama e assessores da Casa Branca assistiram, em tempo real, a toda a operação! É o que se chama de guerra no meio do povo. Reflete a dura realidade da ausência de um campo de batalha isolado. Hoje, pessoas em casa, na rua, no local de trabalho, estão todas no campo de batalha, como que participando, em tempo real, das operações.



O USO DA TECNOLOGIA NA GUERRA

Em 1957, o Presidente Eisenhower, dos EUA, estava preocupado com o atraso norte-americano em relação aos soviéticos, na corrida espacial. Para recuperá-lo, criou uma agência, cuja sigla em inglês é DARPA – Agência de Pesquisa de Projetos Avançados de Defesa –, ultra-secreta, instalou-a em Arlington, na Virgínia, próxima ao cemitério nacional do mesmo nome e reuniu, nela, diversos cientistas, PhD, para criar e desenvolver tecnologias. Cérebros pagos para pensar! Que visão extraordinária de estadista! Esses cientistas criaram o foguete Saturno que levou o homem à lua, o laser, as células de combustível, a computação gráfica, equipamentos de visão noturna, a internet, os e-mails, os telefones celulares, o GPS, os robôs e os VANT – veículos aéreos não tripulados.

Todavia, tecnologia é tanto um grande diferencial como um considerável equalizador em assuntos militares. Os EUA, potência hegemônica, que investem milhões de

dólares em tecnologia, não têm podido, sempre, transformar seu extraordinário poder em vitória. Por outro lado, grupos que nem mesmo Estados são, têm sido capazes de frustrá-los e enfurecê-los, apenas com o emprego de armas baratas e de tecnologias primárias, como carros-bomba e explosivos de confecção caseira. É a guerra assimétrica a que nos referimos antes. Ainda – o que é mais grave – tais grupos têm sido capazes também de utilizar produtos que resultaram de anos de pesquisa e investimentos altíssimos, mediante compra, à distância, por meio de sites de vendas na internet, como a Amazon.com.

Talvez a melhor ilustração acerca do que essas mudanças causaram nos conflitos seja a do Hezbollah, reconhecido como um dos mais criativos grupos nessa guerra assimétrica. Organização de fundo religioso, amplamente xiita, ela nasceu no Líbano, em 1985. Desde então, vem experimentando metamorfoses de identidade e de formas de atuação. Ao mesmo tempo em que aparece como instituição paramilitar, capaz de mobilizar tanto quanto



dez mil combatentes, é um partido político que ocupa quatorze cadeiras no Parlamento libanês, é um conglomerado de mídia que opera suas próprias estações de rádio e TV, e é provedora de internet. E é, também, um serviço de assistência social que mantém sua própria rede de hospitais, ambulatórios, clínicas, escolas e um programa de bem-estar para muitos no Sul do Líbano. Como é fácil perceber, preocupa-se em conquistar o apoio da população. A pergunta feita antes se repete aqui: quem o sustenta? De onde

vêm os recursos para sua sobrevivência?

No verão de 2006, conforme amplamente noticiado, militantes do Hezbollah sequestraram dois soldados israelenses. Israel, então, lançou, sobre o sul do Líbano, um maciço ataque de retaliação com o propósito de ensinar-lhes uma lição e forçá-los a libertar os dois soldados. E, pela primeira vez na história, falhou. Depois de uma guerra de 34 dias, quando veio o cessar-fogo, Israel havia contabilizado 120 solda-



No conflito ocorrido no Líbano em 2006, o qual os israelenses chamaram de híbrido, o Hezbollah distribuiu seus militantes por unidades descentralizadas, que poderiam agrupar-se para atacar, mas dispersar-se e desaparecer todas as vezes que as forças de Israel tentaram fixá-las no terreno.



dos judeus mortos, cerca de 500 feridos, 43 civis mortos e 4.262 feridos pelos rojões e mísseis que o Hezbollah lançou contra cidades israelenses: E não conseguira resgatar seus soldados sequestrados!

É interessante registrar que aquele diminuto ator não oficial foi capaz de executar aquilo que forças combinadas dos países árabes não o fizeram, derrotados que foram em 1948, 1967 e 1973. Nessa guerra de 2006, que os israelenses chamaram de híbrida, o Hezbollah distribuiu seus militantes por unidades descentralizadas, que poderiam agrupar-se para atacar, mas dispersar-se e desaparecer todas as vezes que as forças de Israel tentaram fixá-las no terreno. E tais grupos combinaram táticas clássicas de guerrilha, com conhecimento de guerra convencional e o emprego da mais moderna tecnologia.

Israel talvez tenha sido um dos primeiros países a desenvolver, para emprego militar, e utilizar os VANT – Veículos Aéreos Não Tripulados. Mas não pôde impedir de ser também o primeiro alvo do emprego deles, lançados pelo Hezbollah.

Enquanto que, no seu ataque ao Líbano, fez voar uma vintena de VANT, o grupo shiita lançou sobre Israel, no mínimo, três VANT emboscada, cada um deles conduzindo uma carga de 10 quilos de explosivos, cheia de esferas de aço para torná-la mais letal. E, enquanto aeronaves a jato e VANT israelenses sobrevoavam o Líbano em busca de alvos a serem atacados, rojões misteriosos do Hezbollah eram lançados sobre cidades de Israel, muitos deles disparados por controle remoto, ou automaticamente, por tempo.

Uma vez que não fora possível destruir tais rojões no ar, os israelenses pensaram que poderiam controlar as regiões de onde eles eram lançados, afastando, assim, a ameaça para longe do alcance de suas cidades. E empregaram suas forças terrestres para invadir o sul do Líbano. Mas aí, também, as forças irregulares mostraram uma iniciativa estonteante: segundo a imprensa internacional noticiou, o Hezbollah foi capaz de penetrar no sistema de informática das Forças de Defesa de Israel e de, também, interferir nas



suas redes rádio. E, pasmem, tais ataques cibernéticos, realizados por hackers a soldo do Hezbollah, partiram, via internet – foi a hipótese levantada – de empresas provedoras localizadas nos Estados do Texas, Virgínia, Nova York, Nova Jersey, todas dos EUA, bem como em Nova Delhi, na Índia, e em Montreal, no Canadá. Outro grupo de hackers conseguiu penetrar no sistema de telefonia celular israelense e, assim, escutar as chamadas de comandantes e outros combatentes, do campo de batalha para seus correspondentes no país, conseguindo, destarte, levantar nomes de código e outros dados significativos. Parece um filme de ficção, mas foi a pura realidade.

AS NOVAS INVENÇÕES

Neste pequeno exemplo de um caso ainda recente e verdadeiro, estão presentes dois novos atores da Guerra Moderna: a robótica e a cibernética. A utilização adequada de ambos, decorrente de estratégias assimétricas, pode anular a grande

vantagem de forças regulares, numericamente superiores, e obrigá-las a jogar, de igual para igual, em seu próprio jogo de alta tecnologia.

Muitos já pensam que o conhecimento sobre robótica e cibernética é hoje tão importante que qualquer pessoa, independente de seus interesses, ocupação e formação intelectual, pode e deve – precisa mesmo, dizem os mais radicais – mergulhar neles. Pois pode ser o alvo de tais avanços! Estudiosos afirmam que estamos vivendo a Idade de Ouro das invenções e que o futuro está chegando mais cedo do que pensamos. Nós estamos construindo a ponte para esse porvir!

A Fundação Nacional de Ciência dos EUA, no início deste século, reuniu centenas de cientistas para avaliar o que acontecerá nos próximos 10 e 20 anos, no que tange a novos conhecimentos – robótica, cibernética, inteligência artificial, nanotecnologia e biociência – que avançam, convergem, interferem-se e alimentam-se reciprocamente. A conclusão, talvez surpreendente, é que a única coisa de que se tem certeza é da incerteza em si mesma. Vivemos



num período de transição que deverá durar, no mínimo, 50 anos.

Um sentido de dualidade – robôs e seres humanos – é o que talvez represente melhor o que está acontecendo na guerra e na política. Pois os confrontos e conflitos devem ser compreendidos, por razões que já mencionamos, como acontecimentos políticos e militares e, destarte, examinados conjuntamente, eis que se influenciam mutuamente e, só assim, poderão ser resolvidos. As novas tecnologias revolucionárias não estão apenas sendo trazidas para a guerra, mas usadas, cada vez mais, com novos efeitos e frequência inesperados. E, por não serem humanas, elas estão sendo utilizadas de uma forma que não era possível antes. Provavelmente por isto, estão criando novas dificuldades, bem como complicando outras já existentes.

Combatentes à distância, confortavelmente instalados em centros climatizados e em total segurança, diante de uma tela, conduzem, hoje, a guerra travada a milhares de quilômetros de distância, por robôs e VANT, como se fosse um jogo de

videogame, um *Wi* do agrado das crianças e adolescentes. As máquinas terão um papel cada vez mais importante no planejamento e execução de missões. E os que travarão esse combate tanto poderão ser agentes do Estado como grupos não oficiais, de qualquer idade ou sexo, e até mesmo pessoas enlouquecidas, dispostas a comportamentos suicidas, uma vez contidas. Então, a finalidade da robótica é substituir o homem em funções por ele originalmente executadas, pela máquina por ele inventada. E mais: as guerras do futuro farão surgir novos conceitos, já sendo hoje examinados pela ONU, sobre o que é legal e ético, inclusive quanto ao tipo e modo de emprego de nosso próprio material, e até do armamento.

Como curiosidade, numa pesquisa de opinião recente entre combatentes norte-americanos no Afeganistão sobre o que pensavam em ser substituídos por máquinas, o resultado foi que os robôs e VANT são atrativos e adequados ao cumprimento de missões 3D – *dweel, dirty and dangerous* – isto é, monótonas, sujas e perigosas.



Mais uma vez, reafirmo que as guerras modernas, que empregam essas novas tecnologias, parecem-se, cada vez menos, com aquelas que uma vez conhecemos e compreendemos.

LEMBRANDO OS CONFLITOS

Faz-se mister relembrar alguns eventos importantes para ilustrar este artigo: Ainda neste mês, comemoramos o Jubileu de Ouro do Movimento Cívico-Militar de 31 de março de 1964, a Contrarrevolução Brasileira que salvou o país do caos para onde ia sendo jogado, mas que, os derrotados de então e os veículos de divulgação por eles dominados fazem tudo para denegrir ou para que seja esquecido. Foi um “basta!” à segunda tentativa de tomada do poder por uma minoria comunista que, às escâncaras, ousadamente, pregava a inversão dos valores, o peleguismo, a destruição dos princípios morais e espirituais em que se alicerçam as nossas famílias e a nossa sociedade.

Passados 50 anos, há ainda quem a olhe pelo retrovisor da História, mas com um espelho que deforma a imagem, como na conhecida lenda infantil, que mostra as coisas como queremos vê-las. Como dizia Talleyrand, não aprenderam nada e não esqueceram nada!

E por que devemos lembrar tal acontecimento? Não só para reverenciar aqueles que, colocando o interesse nacional acima de outros sentimentos, como lealdade e estima a governantes – pois governos passam e, muitos, a poeira do tempo e o juízo implacável da História se encarregam de encobri-los, como inglórios e indignos – e vencendo o natural instinto de legalidade, livraram o Brasil de triste destino; e outros que perderam suas vidas, assassinados por terroristas e subversivos, quando defendiam a lei e a ordem. Mas também como um alerta, pois está em curso uma terceira tentativa de comunização, irradiada com fulcro no Fórum de São Paulo e seguindo ensinamentos de Antonio Gramsci, abraçados por grande parte da imprensa escrita e televisada, e da cátedra irresponsável.



Procedem, em sua solerte atuação, como lembrou George Orwell.

A linguagem política destina-se a fazer com que a mentira soe verdade e o crime se torne respeitável, bem como imprimir ao vento uma aparência de solidez.

Para o momento que vivemos, por aplicáveis, lembramos lições de duas grandes mulheres: - Margareth Thatcher, a Dama de Ferro, escreveu: O socialismo dura até acabar o dinheiro dos outros. Para cada pessoa que recebe sem trabalhar, uma outra deve trabalhar sem receber. Quando metade da população entender a ideia de que não precisa trabalhar, pois a outra metade irá sustentá-la; e quando esta outra metade concluir que não vale mais a pena trabalhar, pois irá sustentar a outra que não trabalha, então chegamos ao começo do fim de uma nação.

Ayn Rand, uma filósofa judia nascida na Rússia e que de lá fugiu na metade da década de 1920, ensinou-nos:

quando você perceber que, para produzir, precisa obter a autorização de quem não produz nada;

quando comprovar que o dinheiro flui para quem negocia, não com bens, mas com favores; quando perceber que muitos ficam ricos pelo suborno e pela influência, mais que pelo trabalho, e que as leis não nos protegem deles, mas, ao contrário, são eles que são protegidos de você; quando perceber que a corrupção é recompensada e a honestidade se converte em auto-sacrifício, então poderá afirmar, sem temor de errar, que sua sociedade está condenada.

O Brasil, que já foi potência emergente, só marchará para a frente, respeitado no concerto mundial, quando ficar livre da ação nefasta de grupos antolhados, aproveitadores, que não pensam no bem público e só em seus interesses, suas vantagens e sua sobrevivência. A arma para isso está ao alcance de todos, legal, sem risco e sem sangue: o voto!

Logo a seguir, em junho, lembraremos os 70 anos da Operação Overlord, a Batalha da Normandia na 2ª Guerra Mundial. Consistiu ela na invasão da França, ocupada desde 1940 por tropas da Alemanha nazista, por consideráveis efetivos



dos EUA, Reino Unido, França livre e aliados, visando à sua libertação. Foi o começo do fim do Eixo. Fruto de longo e assaz minucioso planejamento, a operação ocorreu após a derrota alemã frente aos russos, na famosa Batalha de Stalingrado.

Até hoje, continua a ser a maior invasão marítima da História, com quase três milhões de combatentes cruzando o Canal da Mancha em 6 de junho de 1944, partindo de vários portos e aeroportos localizados na Grã-Bretanha. Precedidos por um assalto aéreo na noite anterior, 155.000 homens, transportados por 14.200 embarcações de desembarque, e com a proteção de 600 vasos de guerra e de milhares de aeronaves, chegaram às praias de Omaha, Utah, Juno, Gold e Sward, bombardeadas previamente que foram por disparos de canhões de 1.240 belonaves e de 10.000 aeronaves.

Números gigantescos, sem dúvida. Estava aberto, com muito sacrifício, o caminho para Paris e para a vitória!

Em agosto, completa o seu 1º Centenário a Grande Guerra, a 1ª

Guerra Mundial, que a muitos ainda assombra pelo gigantesco número de vítimas: quase 10 milhões de mortos e um elevadíssimo contingente de pessoas mutiladas; impérios inteiros destruídos e sociedades brutalizadas. Ela ainda provoca enorme impacto emocional, pois não há como esquecer suas terríveis consequências. O extermínio de uma geração é sempre lembrado, enquanto que problemas não resolvidos, ou criados por aquela conflagração, persistem e ainda ameaçam a paz mundial.

Uma dúvida permanece latente, passado quase um século: por que ela aconteceu? Ambições desmedidas de homens no poder? Rivalidades nacionais? Ideologias conflitantes? Crescimento do militarismo? Ausência de líderes carismáticos e com força bastante para suportar pressões? Há muitos historiadores que, depois de longa meditação sobre os fatores que a provocaram e de pesquisas sérias, chegaram à conclusão de que ela foi um erro estúpido que poderia ter sido evitado. É o estado belicoso do ser humano, que temos salientado. No real centro



do conflito, situa-se a Alemanha, por sua ambição desmedida. Uma combinação infeliz de belicismo e de uma diplomacia inepta deixaram aquele país tendo que enfrentar a guerra em duas frentes. Mas nenhum dos beligerantes pode julgar-se inocente.

Por fim, a Grande Guerra não foi uma guerra para acabar com as guerras. Isto nunca existe! A prova é que, dentro de vinte anos, o mundo se viu envolvido em uma nova guerra, de mais longa duração.

Por último, já no fim do ano, celebra-se o sesquicentenário do início da Guerra da Tríplice Aliança – a Guerra Maldita, a Guerra do Paraguai. Pouco mais de cinco anos de conflito, que resultou de agressões praticadas, por ordem de Solano Lopez, pelos paraguaios dos quais era o Presidente. Este era um visionário, que sonhava com um Paraguai Maior, com uma saída para o mar, e que teve a incentivá-lo, em sua megalomania, sua companheira, com quem veio a casar-se, a irlandesa Elisa Lynch, antiga cortesã de luxo na Cidade Luz.

A verdade é que Lopez tornou-se um ditador quase caricato de um país agrícola; fez crescer seu exército, armou-o bem e lançou-o em uma ofensiva militar, numa almejada guerra relâmpago para alcançar seus quiméricos objetivos. Todavia, o revisionismo histórico, em especial, a partir do final dos anos 1960, tendo à frente, pensadores de esquerda do Prata, promoveram Solano Lopez a grande chefe militar e notável estadista, ao mesmo tempo em que acusavam o Império do Brasil e a Argentina de terem sido manipulados por interesses britânicos. Mas tal grupo encontrou logo adeptos em nossa terra, onde maus brasileiros, facciosos, contadores de estórias em busca de escândalos e sensacionalismo, chegaram a taxar a conduta das tropas de Caxias de praticarem um genocídio americano.

Macular a memória de Caxias e de outros grandes vultos nacionais, como ousam fazer tais indivíduos, é ultrajar a própria honra nacional! Vitorioso militarmente, o Brasil perdeu cerca de 50.000 homens dos 139.000 enviados para a guerra, a



maior parte dos quais por doenças e condições do clima. Foi magnânimo para com o Paraguai vencido, exauriu-se economicamente, e o conflito assinalou a marcha decadente da monarquia. Lembraremos, reverentes, e agradecidos, as figuras de Caxias, Tamandaré, Barroso, Inhaúma, Osório, Sampaio, Mallet, Andrade Neves, Villagran Cabrita e tantos outros. Felizmente, o que não acontece com outros países, não nos faltam heróis nacionais a reverenciar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guerras...Sempre guerras! Sim, lamentavelmente. Por isto, em termos reais, cumpre obedecer ao velho adágio latino: se quisermos a paz, temos que nos preparar para a guerra. Acompanhar sua evolução, novos meios, as formas de atuação. Sobretudo, cuidar para não sermos surpreendidos. Os militares, que conhecem os horrores e as consequências de uma guerra, não a declaram, mas são chamados a travá-la.

É bom lembrar que a guerra não começa quando alguns matam os outros, mas no momento em que uns se arriscam para matar os outros, em represália. Dwight Eisenhower, antes citado, um combatente vitorioso, grande líder e estadista norte-americano, alertou seu país, dizendo:

Cada canhão produzido, cada vaso de guerra lançado, cada foguete disparado, significa, afinal, um furto daqueles que têm fome, dos que sentem frio e não têm agasalho. O mundo em armas não está apenas gastando dinheiro. Está dependendo o suor de seus trabalhadores, o gênio de seus cientistas e a esperança de suas crianças.